Artigo recebido em
10/07/2015
Aprovado em
18/09/2015

Angelo A.C. Müller
angelo.muller@acad.pucrs.br
Doutorando do PPGCOM
PUC-RS
Bolsista Capes

Do Sindicato ao Planalto: Lula e a Jornada do Herói através da narrativa telejornalística do *JN*

Angelo A.C. Müller

Resumo

Este artigo tem base na Dissertação de Mestrado do autor e apresenta o resultado de uma análise interdisciplinar da narrativa telejornalística a partir do referencial teórico da Jornada do Herói de Joseph Campbell (2007). Durante o trabalho, procuramos correspondência entre o esquema narrativo de Campbell e a narrativa do Jornal Nacional (JN), da Rede Globo, sobre a trajetória política do ex-Presidente Luís Inácio Lula da Silva. O estudo colocou em evidência a narrativa como produto midiático, e seu resultado aponta para a força do mito sobre a construção do processo narrativo.

Palavras-chave

Comunicação Social; Análise da narrativa; Telejornalismo; Mitos; Imaginário

Abstract

This article result from the author's Master Thesis and features an interdisciplinary analysis of narrative for television and journalism, which has the Joseph Campbell's Hero's Journey (2007) as a leading paradigm and theoretical frame. As goes the work, the scheme of Campbell's is compared to the representations of the political career of the former President Luis Inácio Lula da Silva, in the narratives of Jornal Nacional (JN), Rede Globo. The study has highlighted the narrative as media product, and the result points to the strength of the myth over the construction of the narrative process.

Keywords

Social Communication; The narrative analysis; Telejournalism; Myth; Imaginary.

A contribuição das narrativas jornalísticas para a formação do nosso imaginário tem se tornado um dos principais debates da atualidade. Muitas vezes, a partir de uma visão onde a discussão e os argumentos dependem do grau com que as narrativas atingem nossos sistemas de crenças. Ao mesmo tempo, os modelos tradicionais de jornalismo têm sofrido inúmeras críticas ao longo dos últimos anos e, especialmente quando tratam de questões políticas, é possível notar um desconforto crescente em boa parte da sociedade.

Para ajudar a compreender a narrativa jornalística e a complexa estrutura que atua na sua referência do político, procuramos estudar aquele que é seu elemento central, o mito, e o processo constitutivo de sua narrativa. Encontramos em diversos autores, não apenas elementos que apontam para a recorrência em termos de formato narrativo (PROPP, 1928; ELÍADE, 1992 e 2006; LÉVI-STRAUSS, 1978), mas que sugerem que os mitos contemporâneos, onde incluem-se alguns líderes políticos, relacionam-se profundamente com os mitos da antiguidade em termos de representação e significado (WEBER, 2004; GIRARDET, 1987; DURAND, 2004; CAMPBELL, 2007).

Nosso trabalho consistiu em realizar uma revisão teórica sobre o personagem mítico, tendo como objetivo compreender, além do seu surgimento, como se revela e atua a partir das narrativas para, então, seguindo um dos modelos encontrados para a construção da narrativa mítica, testar a representação do ex-presidente Lula nas matérias do *Jornal Nacional* (JN). A escolha do nosso paradigma

teórico-narrativo recaiu sobre a Jornada do Herói, de Joseph Campbell (2007), conhecida por ter servido de base para a construção da saga de *Guerra nas Estrelas*, de George Lucas, e por tratar-se de um dos principais esquemas estudados na análise da narrativa.

Mitos e Heróis

É possível presumir que os mitos e os heróis tenham sido as principais figuras inspiradoras, não apenas do ser humano, mas de todas as suas manifestações culturais ao longo dos anos. Seja na família, na religião ou na política, a base referencial, moral e criativa das sociedades tem um vínculo profundo com as histórias que são contadas. Estas histórias surgiram para explicar a existência humana, seus dramas, infortúnios, a vida e a morte, a abundância e a escassez e cumpriram desde o princípio a função de constituir as bases culturais de todos os povos sobre a terra.

[...] ... o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir... É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação” [...] (ELÍADE, 2006, p. 11).

O conjunto das narrativas que explicavam o surgimento, desenvolvimento e destino da humanidade leva o nome de Ciclo Cosmogônico (ELÍADE, 2006; CAMPBELL, 2007). Ele representa a busca pela consciência (CAMPBELL,

2007) das coisas aparentemente inexplicáveis que circundavam o homem e, neste ciclo, o herói é apresentado como aquele que “descobriu e abriu o caminho da luz, para além dos sombrios limites da nossa morte em vida” (CAMPBELL, 2007, p. 256). A tarefa fundamental do herói nestas narrativas era representada pelo ato de derrotar o dragão, superando o desafio ou a ameaça vigente, por mais poderosa que esta lhe pudesse parecer.

A narrativa heroica ocidental se constitui a partir do marco histórico representado pelos poemas *Iliada* e *Odisseia*, de Homero¹. Neles configura-se o épico como o estilo apropriado para a representação do herói, operando “[...] com a lógica de glorificação de um povo, representado de forma coletiva ou individual, como Aquiles, Heitor, Ulisses, entre tantos outros [...]” (HOMEM, 2013, p. 136). A *Iliada* conta parte da Guerra de Troia e encerra com a trama sobre a ira de Aquiles, príncipe dos mirmidões e melhor de todos os guerreiros que, determinado a vingar a morte do amigo Pátroclo, mata Heitor, príncipe e o melhor guerreiro troiano.

Em seus estudos, Campbell (2007) acaba aproximando a representação do herói também do surgimento dos tiranos modernos e dos mitos políticos, que encontram nos momentos de crise da sociedade, quando esta se vê diante da necessidade de um salvador – e esta alegoria é especialmente atual na simbologia do combate ao dragão da inflação – o tempo ideal para surgir.

Os reis guerreiros da Antiguidade encaravam seu trabalho à feição de matadores de monstros. Na realidade, essa fórmula do herói

brilhante que se lança contra o dragão foi o grande pretexto para a auto-justificação de todas as cruzadas. [...] (CAMPBELL, 2007, p. 328).

Acredita-se que foi na Grécia, partir do século VI a.C., quando o filósofo Xenófanes passou a criticar e rejeitar as expressões mitológicas utilizadas por Homero e Hesíodo, desenvolvendo uma oposição aos mitos e ideias antropomórficas da cultura grega, que se iniciou um processo de afastamento cultural em relação ao processo de significação através da narrativa². Este pensamento atingiu seu auge por volta dos séculos XVII e XVIII, quando, a partir das ideias dos pensadores iluministas como Newton, Bacon e Descartes, a ciência colocou-se “contra as velhas gerações de pensamento místico” e se desenvolveu uma noção de que o conhecimento deveria, “de uma vez por todas, dar as costas ao mundo dos sentidos” (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 18).

Durante cerca de dois séculos, tornou-se cada vez mais comum associar o irreal ou o ilusório ao mito. Esta visão somente passou a ser contestada a partir da metade do século XIX, quando cada vez mais autores passaram a considerar que, apesar das histórias míticas apresentarem referências fantasiosas, os efeitos que elas desencadeavam eram perfeitamente verificáveis e, portanto, reais.³

O que é importante é que principiamos a interessar-nos cada vez mais por este aspecto qualitativo e que a ciência, que tinha uma mera perspectiva quantitativa desde o século

¹Acredita-se que esta narrativa já vinha sendo transmitida oralmente até que, por volta do séc. VIII a.C., Homero finalmente a escreveu

²Para uma abordagem mais aprofundada, ver *Mito e Realidade*, de Mircéa Eliade, 2006, Editora Perspectiva.

³No início do séc. XX, diversos autores passaram a frequentar o *Círculo de Eranos*, uma encontro anual que tinha por objetivo reunir pensadores em abordagens alternativas relacionadas com a mitologia, psicanálise e sociologia. Entre eles, figuraram nomes como Claude Levi-Strauss, Gilbert Durand, Joseph Campbell e Mircéa Eliade.

XVII até ao século XIX, começa a integrar agora também os aspectos qualitativos da realidade. Esta tendência habilitar-nos-á, indubitavelmente, a entender uma grande quantidade de coisas presentes no pensamento mitológico e que no passado nos apressávamos a pôr de parte como coisa carecida de significado e absurda (LÉVI-STRAUSS, 1978, p. 38).

Dada esta compreensão sobre o papel do mito, do herói e de seu significado, aproximaremos, a partir de agora, nosso estudo do processo de significação do herói político. São inúmeros os autores que se ocuparam de trabalhar, sob diferentes denominações, com este tipo singular de mitologia, a política. Um dos primeiros que tratou de resgatar esta relação histórica entre o herói da antiguidade como o ser iluminado e extraordinário, que tem o papel de salvar ou liderar o povo diante de ameaças terríveis e iminentes, com o processo de significação do líder político contemporâneo, foi Max Weber (2004)

[...] ... os líderes “naturais”, em situações de dificuldades psíquicas, físicas, econômicas, éticas, religiosas e políticas, não eram pessoas que ocupavam um cargo público, nem que exerciam determinada “profissão” especializada e remunerada, no sentido atual da palavra, mas portadores de dons físicos e espirituais específicos, considerados sobrenaturais (no sentido de não serem acessíveis

a todo mundo) [...] (WEBER, 2004, p. 323).

O pensador alemão diferencia em seu texto o homem público comum – o especialista e que exerce uma função remunerada – daquele que tem o poder natural, que é capaz de exercer um tal magnetismo sobre a massa por ser dotado de uma grande dose de carisma que, uma vez exercido o papel de líder e sendo este bem sucedido na resolução de uma ameaça, tal qual ao herói das narrativas ancestrais, a ele podem ser atribuídas características além das naturais, como a inteligência e a competência. Ao narrar-se o sucesso de um líder através de uma perspectiva heroica, misturam-se referenciais de fantasia e realidade e associam-se a estes referenciais características como a “sobrenaturalidade” lembrada por Weber (2004, p. 342) e, por que não, presente no imaginário dos seguidores mais fervorosos de líderes como Lula.

[...] (O poder do carisma) ... fundamenta-se na fé em revelações e heróis, na convicção emocional da importância e do valor de uma manifestação de natureza religiosa, ética, artística, científica, política ou de outra qualquer, no heroísmo da ascese, da guerra da sabedoria judicial, do dom mágico ou de outro tipo. Esta fé revoluciona os homens “de dentro para fora” e procura transformar as coisas e as ordens segundo seu querer revolucionário (WEBER, 2004, p. 327).

Na América Latina, esta característica

é encontrada em boa parte do panteão mítico. Conforme os estudos de Brunk & Fallaw (2006), desde os movimentos de independência do século XIX, os políticos latino-americanos têm sido vinculados à simbologia mítica – e isso pode ser comprovado pela grande adesão de populares em torno das personalidades de seus líderes, no caso dos Zapatistas, Porfirios, Peronistas e Sandinistas. Invariavelmente, os primeiros heróis da América Latina nasceram em um contexto de representação dos injustiçados e explorados. Entre 1810 e 1825, a maioria dos países latino-americanos lutou e venceu guerras de independência contra a Espanha. No processo, surgiram algumas figuras importantes, como Hidalgo e Morelos (México), Simón Bolívar (Venezuela), José de San Martín (Argentina) e José Artigas (Uruguai).

Porém, os estudos de Brunk e Fallaw também apontam para o fato de que a formação dos mitos brasileiros não seguiu este caminho e sofreu um processo um pouco diferente, “mais pacífico e não produziu heróis da espada, mas de gesto, caso de Dom Pedro I com o grito do Ipiranga” (2006, p. 5). Essa diferença na gênese, de acordo com os autores, veio a se tornar uma das marcas do arcabouço mítico brasileiro. Porém, não podemos esquecer que deve ser feita exceção aos heróis surgidos nos períodos de guerra (Guerra do Paraguai, Guerra da Cisplatina) e em alguns movimentos revolucionários, como a Baianada, a Revolução Farroupilha, além da própria luta armada contra a ditadura. Ainda assim, a solução pacífica foi o “modelo para os líderes latino-americanos que apareceram depois de 1870” (BRUNK & FALLAW, 2006, p. 6).

Se, por outro lado, também é possível dizer que há uma relação entre o surgimento de líderes míticos e nações que tradicionalmente apresentam falhas institucionais (WEBER, 2004), ainda assim, esta afirmação não afasta o fato de que os mitos políticos de hoje guardam suficiente relação de significado com os mitos das comunidades arcaicas. A diferença crucial entre eles parece restar na forma como suas façanhas se tornaram conhecidas.

A construção de mitos políticos através da literatura e, principalmente, do jornalismo impresso ganhou importância à medida que as pessoas foram alfabetizadas e passaram a consumir esses produtos. Nos Estados Unidos, por exemplo, atribuiu-se grande parte da força das suas fundações míticas ao fato de que as colônias foram fundadas na era da impressão em meio a uma sociedade culturalmente leitora e produtora de conteúdo impresso (YANARELLA, 1988). A potencialização da contribuição da mídia para o surgimento dos mitos se deu naturalmente através do aparecimento dos meios eletrônicos de comunicação. Inicialmente, com o rádio, utilizado na Alemanha nazista como instrumento de unificação e persuasão em torno do mito do Führer; na Itália, em torno da figura de Mussolini, e que também foi uma importante ferramenta no Brasil, principalmente na construção da imagem pública de Getúlio Vargas como “o pai dos pobres”.

Mas o grande salto na relação entre produção de mitos e comunicação seria mesmo dado pelo aparelho de televisão, que reuniu imagem, som e forneceu um sentido de unidade cultural para os telespectadores, conforme havia proposto McLuhan, levando a um

reencontro com o *status* tribal a partir de características semelhantes às do meio oral (MEYROWITZ, 2001).

A Jornada do Herói de Joseph Campbell

A partir deste resgate prévio sobre o significado mítico na esfera política, especialmente a latino-americana, e sobre o impacto do surgimento de novas tecnologias midiáticas sobre a narrativa mítica, abordaremos agora os principais elementos da Jornada do Herói, de Joseph Campbell (2007), que servem como referenciais de análise para a nossa pesquisa. O esquema narrativo de Campbell é montado basicamente sobre três fases: Partida, Iniciação e Retorno.

Partida: apresenta os elementos Chamado da Aventura, Recusa ao Chamado, Arauto, Auxílio Sobrenatural e Ventre da Baleia. Sendo que no Chamado da Aventura, o personagem percebe que sobre ele há uma convocação, um chamado irrecusável. Mas, como na vida real, há momentos em que o personagem se nega a responder, implicando na sua Recusa. O Chamado pode vir acompanhado da figura de um Arauto, que anuncia a entrada do herói na aventura. O próximo elemento presente na partida é o Auxílio Sobrenatural, um encontro com uma figura protetora que orienta o personagem para que a jornada seja superada. Trata-se de uma figura representativa do bem e protetora do destino. O Ventre da Baleia é normalmente uma etapa de conscientização, quando o herói desaparece para o mundo exterior, transforma-se e realiza a jornada que tem pela frente.

Iniciação: apresenta o Caminho das Provas, o Encontro com a Deusa, a Mulher como Tentação, a Sintonia com o Pai, a Apoteose e a Bênção Última. O

Caminho das Provas costuma ser uma das principais etapas das narrativas e se desdobra enquanto o herói se depara com seus grandes desafios, é auxiliado pelos conhecimentos que recebeu e descobre que existe nele uma força especial que lhe acompanhará durante todo seu caminho. No Caminho das Provas, o herói deixa de lado seu orgulho, virtudes, beleza e se dedica exclusivamente ao seu trabalho, por mais árduo que seja. Já o Encontro com a Deusa é o momento que se dá depois que os primeiros desafios são vencidos e costuma ser representado com um “casamento místico” entre o “herói triunfante e a Rainha-Deusa do Mundo” (CAMPBELL, 2007, p. 111)

O encontro com a deusa (que está encarnada em toda mulher) é o teste final do talento de que o herói é dotado para obter a bênção do amor (caridade: amor *fati*), que é a própria vida, aproveitada como o invólucro da eternidade. (CAMPBELL, 2007, p. 119).

A Mulher como Tentação é o próximo elemento da Iniciação, quando o herói passa a tomar consciência sobre os desejos e impulsos mais animais presentes na mente humana. É um teste necessário para o herói compreender o seu lugar no mundo. Isto se dá através da Sintonia com o Pai, momento no qual o herói abandona definitivamente o seu ego e seu antigo eu. Para Campbell (2007), isso só é possível diante de uma crença em Deus (Pai) ou na própria jornada, de modo que o herói encontre no sentido da aventura a confiança para prosseguir. O desafio dessa etapa consiste no enfrentamento com o pai, ou seja, os ordenamentos que antes

tinha como fundamentais e depois do conhecimento precisam ser questionados. O pai apresentará os segredos ao herói, que deles se apropria e se torna, ele mesmo, pai.

O problema do herói que vai ao encontro do pai consiste em abrir sua alma além do terror, num grau que o torne pronto a compreender de que forma as repugnantes e insanas tragédias desse vasto e implacável cosmo são completamente validadas na majestade do Ser... Ele contempla a face do pai e compreende. E, assim, os dois entram em sintonia (CAMPBELL, 2007, p. 142).

A Apoteose se dá quando a iluminação se faz presente na alma do herói. É a “condição divina que o herói humano atinge quando ultrapassa os últimos terrores da ignorância” (CAMPBELL, 2007, p. 145). Esse conhecimento consiste na relativização, no entendimento sobre a condição dos homens e mulheres sobre a terra. E, por fim, a Bênção Última, representando a confirmação do caráter especial do herói, quando a facilidade com que supera os desafios representa o fato de ele ter sido realmente o escolhido.

Retorno: Trata-se da última etapa da jornada e apresenta a Recusa do Retorno, a Fuga Mágica e o Auxílio Externo. Assim como na primeira etapa, o Retorno admite uma recusa, que se dá na forma de um apego ao papel desenvolvido na aventura, significando uma recaída, algo que aproxima o herói do homem comum. Já a Fuga Mágica se dá quando o herói volta com algum tipo de prêmio para o mundo dos homens. O que ele traz do mundo

da aventura pode ser um conhecimento importante, objeto de desejo que só passa para o mundo dos homens com algum tipo de apoio sobrenatural. Já o Auxílio Externo é o apoio dos homens comuns, que resgatam o herói da trajetória quando ele se apresenta em um estado de transe que o torna incapaz de discernir entre aventura e vida prática, fazendo-o escolher permanecer na perfeição da aventura.

Metodologia e Análise

Nossa análise consiste em compatibilizar, por Análise do Discurso (ORLANDI, 2001), a partir do esquema de Campbell, a narrativa sobre a vida política do ex-presidente Lula no *Jornal Nacional* (JN), levando em consideração, além dos discursos, os contextos históricos, midiáticos e até mesmo as narrativas paralelas que auxiliaram a representação do personagem. Como objeto de estudo, selecionamos três reportagens sobre momentos cruciais na carreira do ex-presidente: o surgimento, com as greves do ABC, em 1979; a posse como presidente, em 2003; e a transmissão do cargo, em 2011.

Nosso primeiro desafio está no fato de o JN somente publicar a primeira matéria em rede nacional⁴ sobre as greves do ABC, em 1979, já nos seus momentos finais, sendo que o personagem do líder sindical vinha aparecendo na mídia, especialmente na imprensa, desde 1975⁵. *Jornal do Brasil* e revista *Veja*, além dos jornais paulistas que cobriam a greve, já davam visibilidade a Lula, que se tornava uma figura cada vez mais proeminente no âmbito sindical. No dia 21 de maio de 1978, uma semana depois do movimento grevista eclodir na região do ABC sob a liderança de Lula, o programa *Vox Populi*, da TV Cultura,

⁴Na primeira greve, em 1978, a Censura do governo militar proibiu a divulgação em rádio e televisão de qualquer notícia sobre as greves. Ao que parece, jornais, e revistas, entretanto, podiam realizar a cobertura (Fonte: Revista *Veja* 24/05/1978. p. 91. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/acer-vodigital/>> e acessada em 26/07/15)

⁵*Jornal do Brasil* - matéria vencedora do Prêmio Esso de Jornalismo 1976 “O Perfil do Operariado Brasileiro”.

apresenta o sindicalista pela primeira vez na TV⁶. No programa, Lula nega o desejo de seguir carreira política. Lula também ganha destaque na *Veja* de 24 de maio, em reportagem sobre a greve, e novamente na edição do dia 31. As reportagens apresentam uma abordagem positiva, especialmente a do dia 31, quando Lula é representado como o presidente de sindicato “sempre hábil e bem informado sobre o que acontece em sua categoria” e, ainda, “o mais articulado dos novos líderes” sindicais⁷. Por isso, acreditamos que a primeira representação televisiva do JN, a reportagem de Carlos Nascimento sobre a greve dos trabalhadores em São Bernardo do Campo, exibida em 20 de março de 1979 e com tempo total de 1’46”, já tinha em mãos uma narrativa mítica em andamento. Se em maio de 1978, quando Lula havia dito ao programa *Vox Populi* que não pretendia criar um partido político nem seguir esta carreira, o personagem claramente recusava o Chamado da Aventura, em março de 1979, as narrativas jornalísticas representam Lula como o símbolo da primeira manifestação social desde o início do regime militar, em 1964. A matéria de Carlos Nascimento contribui para essa abordagem, evidenciando novamente a liderança de Lula sobre o movimento grevista. Portanto, é possível considerar que o conjunto da cobertura jornalística sobre as greves, dando ênfase ao personagem de Lula e referindo-se ao seu potencial político (Lula obteve 40 mil votos na eleição do sindicato e liderava a paralisação de pelo menos 150 mil trabalhadores) tenha cumprido o papel de Arauto na Jornada de Campbell. Se, fora do veículo televisão, a imprensa já havia dado início à jornada de Lula, expondo claramente suas etapas, a matéria do

JN daquele 20 de março soube explorar um importante elemento que faltava na Partida, o Auxílio Sobrenatural. Após a passagem de Carlos Nascimento, que abria o VT, um “sobe som” de 11 segundos mostrava uma multidão de grevistas reunidos num estádio de futebol, em São Bernardo do Campo, de mãos dadas e erguidas, entoando a oração *Pai Nosso*. Colada nessa imagem, uma sonora de Lula, que “falou em nome dos operários”, de acordo com a narração de Nascimento. Quatro dias depois, os sindicalistas do ABC paulista estariam sob intervenção do governo federal, e Lula seria afastado da presidência do sindicato de São Bernardo do Campo. Também este período pode ser relacionado com a trajetória descrita por Campbell (Ventre da Baleia).

A etapa seguinte, da Iniciação, tem como marco inicial a participação de Lula na criação e fundação do Partido dos Trabalhadores. Lula, a partir de então, entraria em choque com os setores conservadores da imprensa, seria preso, perderia sua mãe e se tornaria o deputado federal mais votado do Brasil, pelo Estado de São Paulo, para participar da Assembleia Nacional Constituinte. Este seria apenas o início de um longo período de representação na imprensa que se enquadraria no Caminho de Provas, na medida em que apresenta os principais desafios e aprendizados do herói da jornada e que teria um capítulo especial em 1989, com a campanha de Lula como candidato à presidência da República.

Naquele ano, o antagonismo em relação aos setores conservadores da imprensa – especialmente à Rede Globo – atingiria o seu ponto de maior inflexão, quando Lula, após superar Leonel Brizola (PDT) por pouco mais de 500 mil votos, assume

⁶Fonte: Youtube. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=epAymmKpn0o&list=PLAB7E-1B44498E0E7C> acessado em 29/07/2015

⁷Fonte: Acervo Digital da revista VEJA disponível em < <http://veja.abril.com.br/acervodigital/> > e acessado em 26/07/2015.

a vaga do segundo turno a ser disputado contra Fernando Collor de Mello (PRN). Naquele momento, a representação de Lula na mídia tradicional havia perdido o viés heroico do final dos anos 70. Ao assumir o discurso socialista e reformador que criticava a política, os empresários e o *status quo* nacional, sem a ponderação e a busca pela conciliação que marcara seus discursos quando ainda presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Lula havia se tornado um personagem fora do controle da representação jornalística, um radical que colocava em risco o equilíbrio do sistema. Por outro lado, Fernando Collor de Mello surgia como o candidato da ordem – pregava a moralização política – pertencente ao *status quo*, dono de uma meteórica carreira política fundamentada no mito do “caçador de marajás”⁸, por seu desempenho à frente do governo de Alagoas e que, além de contrapor-se a Lula por seu discurso polido e sua figura bem apresentada, havia surgido para o país como figura midiática a partir das reportagens das principais revistas e redes de televisão do Brasil, no início de 1989.

O ponto-chave deste momento da trajetória heroica de Lula é a edição do debate que ocorrera entre Collor e Lula, na sede da Rede Globo, o último antes da votação para o segundo turno. A matéria original, veiculada no *Jornal Hoje*, trazia a edição que deveria ser reprisada no *Jornal Nacional*, porém, uma ordem da diretoria fez com que a matéria fosse alterada para ser veiculada no *JN*, apresentando os piores momentos de Lula e os melhores de Collor⁹. Independentemente do debate ter sido ou não vencido por Collor – pois sobre isso havia um certo consenso na época – a atitude da diretoria de jornalismo

da Rede Globo representou um dos piores capítulos da história do jornalismo político brasileiro. Após 1989, o Caminho das Provas do herói Lula ainda levaria mais 12 anos e três eleições, um período de longa provação e amadurecimento, até que finalmente, em 1º de janeiro de 2003, Lula tomasse posse como presidente da República.

Naquela quarta-feira, Fátima Bernardes e William Bonner, os apresentadores do *Jornal Nacional*, deram boa noite a todo o Brasil evidenciando o momento histórico da posse do “ex-metalúrgico” Luís Inácio Lula da Silva. A chamada para a principal atração do jornal tinha ao fundo o Palácio do Planalto. O jornal foi ancorado por Fátima, no estúdio no Rio de Janeiro, com a participação de Bonner, em Brasília. O discurso que apresenta o novo presidente como um ex-metalúrgico, evidenciando o claro contraste entre passado e presente, já faz referência a uma trajetória extraordinária, uma conquista para poucos, digna de grandes homens e apropriada à personificação de um herói.

Esta conquista de Lula tem em seu enredo a substituição do perfil radical, adotado nos anos 80, e a reformulação da proposta de governo apresentada pelo PT, sem

abandonar a ênfase do compromisso social, mas garantindo uma relativa continuidade das políticas financeiras e monetárias adotadas por seu antecessor, Fernando Henrique Cardoso. Este gesto, representado pela mídia durante a campanha, pode encontrar relação com o ato de deixar de lado o orgulho e encarar seu destino, presente no Caminho das Provas e necessário para a grande conquista do herói. Por sua vez, a reportagem de Zileide Silva que foi ao ar naquela edição do *JN*

⁸A figura do “marajá” representava os funcionários públicos que não compareciam ao trabalho e ainda assim recebiam regularmente seus salários

⁹A história deste debate é contada em detalhes no site *Memória Globo*. <<http://memoriaglobo.globo.com/erros/debate-collor-x-lula.htm>> acesso em 24/08/2015

apresentava o momento da posse de Lula como presidente da República, a coroação de seus esforços e o prêmio recebido por seu esforço. Trata-se claramente de uma representação do Encontro com a Deusa, do casamento místico entre o herói triunfante e a Rainha-Deusa do Mundo descrito por Campbell (2007).

Os desdobramentos do primeiro governo Lula seriam responsáveis por fornecer alguns dos elementos que confirmariam a trajetória mítica do personagem. O escândalo do mensalão, em 2005, possibilitou à mídia explorar como pauta um esquema que envolvia a compra de apoio parlamentar através do uso da máquina administrativa para gerar recursos. A Mulher como Tentação se confirmaria, portanto, diante do conhecimento deste artifício político, mas da recusa em utilizá-lo por parte de Lula. Lula, mais de uma vez, vai à televisão negar seu conhecimento sobre o esquema, pedir punição aos envolvidos e desculpas à população. O presidente é perdoado nas urnas e é reeleito, configurando o elemento da Apoteose.

E, apesar da pressão da oposição, das investigações sobre o esquema de corrupção, da cobertura realizada pela mídia, Lula elege sua sucessora, Dilma Rousseff, configurando aí a Bênção Última, quando, apesar das dificuldades, os desafios são superados devido à extraordinariedade do herói, que tinha, de acordo com os principais institutos de pesquisa, índices de aprovação que variavam entre 85% e 87%¹⁰.

Então, no dia 1º de janeiro de 2011, a despedida de Lula foi mais uma vez transmitida pelo JN. Apesar da escalada do programa dar destaque à posse de Dilma, ocupando 1'20" com a nova presidente

e reservando 8" a Lula, quando William Bonner chamou o VT sobre a transmissão do cargo, o personagem que ganhou destaque na matéria de Zileide Silva foi novamente o ex-presidente¹¹.

Todo o VT foi construído sobre o personagem de Lula, em uma clara escolha de representar, ao invés da chegada da nova ocupante do cargo, a despedida do antigo ocupante. A narrativa, que não acontece sobre uma nova trajetória heroica, se dá sobre a última etapa da trajetória em curso, o Retorno. São 3'08" de material, um tempo relativamente pequeno, mas onde, ainda assim, é possível notar a presença de elementos importantes da etapa do Retorno. É o que acontece com a Recusa, verificada através das imagens de Lula e na narração da repórter, especialmente quando enfatizaram a ligação emocional do ex-presidente com o cargo que ocupava. Esta ênfase é percebida na representação de um olhar lançado por Lula para a Faixa Presidencial – um momento pretensamente furtivo, mas que certamente levava em consideração a presença das câmeras por parte de Lula e significava uma troca emocional, talvez uma última conversa entre o herói e a Deusa. Da mesma forma, a recusa está na emoção que tomou conta de Lula no momento de descer a rampa do Palácio do Planalto, gesto simbólico da sua retirada para o mundo comum, que só pôde ser realizado com o auxílio de sua esposa, Marisa e da nova Presidente, Dilma Rousseff. Quando Lula finalmente desce a rampa, ele o faz amparado pelas duas mulheres, o que bem pode ser relacionado com a simbologia para o Auxílio Externo, sem o qual o personagem encontraria dificuldades em realizar sua retirada.

A matéria também destaca o momento em que Lula vai ao encontro do público.

¹⁰Fontes: *Estadão* <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,recorde-de-aprovacao-a-lula-e-mundial-diz-cntsensus,659612>> e *G1* <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html>> acessados em 27/07/2015.

¹¹Matéria disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yh55M-wO5w4>> acessada em 27/07/2015

O ex-presidente é recebido nos braços do povo, que se emociona e envolve Lula em uma manifestação de adoração extremamente forte, demonstrando a profundidade da relação entre Lula e seus eleitores. Este momento é bastante simbólico no que se refere à consolidação do Retorno.

Por fim, o VT encerra com Lula no aeroporto de Brasília, despedindo-se da equipe de seguranças ao som do “Tema da Vitória”¹² e embarcando no avião presidencial que o levaria a São Bernardo do Campo.

Conclusão

A representação telejornalística do *Jornal Nacional* sobre a trajetória de Lula, do seu surgimento nas greves do ABC paulista, em 1979, até a passagem do cargo em 2010, obedece de maneira bastante completa ao esquema organizado por Joseph Campbell para a Jornada do Herói. Mesmo que este intervalo de mais de 30 anos tenha apresentado períodos de profundo antagonismo entre o personagem e a Rede Globo e, durante os intervalos de relativa harmonia que não se tenha deixado fazer notar uma marcada diferença ideológica entre a emissora e o Partido dos Trabalhadores, os momentos cruciais da trajetória do personagem Lula apresentam, nas representações do *JN*, correspondência com as narrativas

míticas.

Especialmente no surgimento de Lula, apesar do silêncio inicial do *JN*, há logo a tomada do personagem como antítese ao regime militar. Naquele período, Lula foi mostrado como um líder de massas, ligado à religião católica, um homem do povo que surgia como liderança legítima e não imposta, como a militar. Mas, se no final dos anos 70 parecia não haver nenhum tipo de ressalva da imprensa em relação ao personagem de Lula, o início dos anos 80 marca um período de relações conturbadas, principalmente a partir da fundação do Partido dos Trabalhadores. Lula começa a criticar as grandes empresas de comunicação, sua voz perde força nestes meios, o que culmina com a edição do debate da campanha eleitoral de 1989.

Ainda assim, esta representação não foge ao esquema de Campbell para o Caminho de Provas e todos os momentos analisados encontram grande correspondência com o esquema narrativo. Isto nos permite concluir que a narrativa utilizada pelo *JN* para representar a trajetória de Lula coincide com a narrativa mítica e nos fornece alguma evidência de que os mitos e as narrativas heroicas talvez sejam mais fortes que as ideologias por trás de um meio de comunicação, exercendo sobre estes em algum grau um importante constrangimento.

Referências bibliográficas

BRUNK, Samuel; FALLAW, Ben. **Heroes & Hero Cults in Latin America**. Austin, TX: University of Texas Press, 2006.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. Tradução de: Adail Ubirajara Sobral. São

¹²Música conhecida por sonorizar as vitórias de Ayrton Senna, o piloto brasileiro tricampeão mundial de Fórmula 1.

Paulo: Pensamento, 2007.

_____. **O poder do mito.** Tradução de: Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Palas Athena, 1990.

DURAND, Gilbert. O retorno do mito: introdução à mitologia. Mitos e sociedades. **Revista Famecos**, v.1, n. 23. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.

ELIADE, Mircea. **Mito do eterno retorno.** Tradução de: José Antonio Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

_____. **Mito e realidade.** Tradução de: Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e Mitologias Políticas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOMEM, Maria Lúcia. Narrativa, sujeito e modernidade: da épica ancestral ao infinito fluxo. **Revista Oralidades**, ano 7, n.12. São Paulo: 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado.** Tradução de: Antônio Marques Bessa. Lisboa: Edições 70, 1978.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place: the impact of electronic media on social behavior.** Nova York: Oxford University Press, 1985.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 3. ed. Campinas: Pontes, 2001.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

YANARELLA, Ernest J.; SIGELMAN, Lee. **Political Mythology and Popular Fiction.** New York: Greenwood Press, 1988.

WEBER, Max. **Economia e sociedade, fundamentos da sociologia compreensiva.** Vol. 2. São Paulo: Imprensa oficial, 2004.

Estudos em Jornalismo e Mídia está sob a licença Creative Commons 2.5